

CAPOEIRISTAS DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ESPAÇO DE BITITA

CAMILA DOS ANJOS AGUIAR



O presente relato narra os estudos realizados com a capoeira com os quartos anos do Ensino Fundamental, da EMEF Espaço de Bitita¹. O trabalho teve início no meio de abril e seguiu até junho de 2023.

É o segundo ano que estou lotada nessa Unidade Educacional. A escola se situa no bairro do Canindé, região central da cidade de São Paulo. Funciona em três turnos e oferece o Ensino Fundamental nas modalidades regular e Educação de Jovens e Adultos.

Uma das características marcante da escola é o atendimento a pessoas migrantes, $\frac{1}{4}$ dos estudantes são migrantes e/ou filho de migrantes. A escola é conhecida pelo trabalho em acolher e desenvolver projetos que atendem essa população.

Um aspecto que impacta a escola e a comunidade é a vulnerabilidade social. Conforme dados levantados e presentes no Projeto Pedagógico da Escola “o número de estudantes inscritos no cadastro único do município de São Paulo, com acompanhamento da Assistência Social, saltou de 25% em 2020 para 50% em 2021, devido à pandemia”. Outro dado é que 10% dos estudantes do ensino fundamental e 60% dos estudantes da EJA residem em centros de acolhida da região (Casa Maria, Maria, Casa Florescer, CTA 18, Sítio das Alamedas, Samaritanos, Vivendas da Cidadania etc.). Com relação à população aproximadamente metade dos estudantes são negros.

Diante de um currículo heteronormativo e eurocentrado, presente historicamente na educação, há um movimento institucional, tanto da rede

¹ Referência ao apelido de infância de Carolina Maria de Jesus, escritora, compositora, negra, mãe, periférica que morou perto da escola.

como desta unidade educacional, por rever e trazer outras referências e narrativas que atendam a diversidade de sujeitos e de nossos estudantes.

A temática imigratória e antirracista, assim, está fortemente presente no projeto e nas ações desta unidade educacional. Vale destacar uma conquista recente que vai nesta direção, a mudança do nome da escola. Após oito anos de luta, em maio deste ano, a escola conseguiu mudar o seu nome homenageando a escritora Carolina Maria de Jesus. Anteriormente, a escola se denominava EMEF Infante Dom Henrique, homenageava um português que participou do estabelecimento do tráfico de pessoas escravizadas. Após debates e votações realizadas pela comunidade do Canindé, decidiu-se homenagear a escritora que morou na favela no bairro.

Além do Projeto Político Pedagógico e projetos da escola, outro ponto que marcou a definição da temática de estudo foi a recepção dos estudantes no início do ano letivo. Durante a realização de um cortejo de boas-vindas, na qual realizamos vários cantos e rodas, observamos que alguns estudantes começaram a realizar com muita alegria movimentos que lembravam a capoeira. Ao questioná-los se praticavam disseram que não, mas que naquele momento sentiram vontade de realizar tais movimentos. Questionados se já haviam estudado a capoeira, também disseram que não, mas que gostariam de aprender. Informação que se confirmou com as buscas sobre quais práticas corporais haviam sido trabalhadas em anos anteriores.

Iniciamos a aula dialogando sobre o que conheciam sobre a capoeira. Apresentei vídeos de diferentes sujeitos praticando para identificar as leituras iniciais e prosseguir o diálogo. Os estudantes disseram que já tinham visto, alguns já tinham tido alguma vivência há muito tempo atrás, mas não praticavam e não conheciam o nome dos movimentos. Também comentaram que não conheciam pessoas, locais e grupos na região em que a capoeira era praticada.

Definimos, então, os seguintes objetivos: - identificar as características (códigos, indumentária, materiais e outros) da capoeira; - aprofundar os conhecimentos sobre a capoeira; - elaborar registro dos processos vivenciados.

Fomos praticar. Nesse momento levei o som e não organizei uma roda, deixei que os estudantes se organizassem e tentassem realizar movimentos que tinham visto ou já tinham vivenciado. Foram se agrupando em duplas e pequenos grupos. Mais uma vez percebi a energia e alegria de

um dos pequenos grupos ao realizar certos movimentos. Tocou-me novamente. No final da aula, perguntei se alguém sabia o nome ou golpe que realizavam, não souberam dizer, pedi, assim, para quem pudesse, que buscasse o nome dos movimentos para trazer nas próximas aulas.



Na aula seguinte, apenas um estudante trouxe o movimento da ginga. Antes de irmos a quadra para experimentar, buscamos na internet (com projeção para toda a sala) um tutorial de como realizá-la. Aproveitamos que o tutorial também mostrava as esquivas e tentamos vivenciá-las. Relembrei também os vídeos que tínhamos assistido na aula anterior e perguntei como o jogo da capoeira ocorria, alguns lembraram que ocorria em roda. Perguntei o porquê desse formato e propus que realizássemos uma roda quando fossemos para quadra. Anotamos as hipóteses (“a gente se vê”, “consigo ver o que o outro está fazendo no meio”).

As aulas práticas basicamente consistiram em assistir um tutorial e tentar experimentar. Utilizamos bastante o espaço entre o pátio e o parquinho. O som reverberava melhor, além disso, percebi que em alguns

momentos ao ir a quadra os estudantes se dispersavam mais facilmente, pois havia outras turmas nas quadras ao lado.

Alguns funcionários começaram a observar as aulas. O Jeferson, funcionário da limpeza, muito querido pelos estudantes, comentou que jogava capoeira. Convidei-o para contribuir com nossos estudos e ele prontamente se dispôs a auxiliar. Na aula seguinte, conversou com a turma e contou sobre sua experiência com a capoeira. Explicou que teve contato com a capoeira na rua, com seus amigos que o convidaram a frequentar algumas rodas. Essa experiência o encantou, o que o levou a começar a praticar. Em determinado momento demonstrou e ensinou alguns movimentos. Os estudantes vibraram!



Nesse meio tempo, descobrimos que a Laís, Auxiliar de Vida Escolar, também foi praticante de capoeira. Convidamos e realizamos um bate-papo. Os estudantes ficaram impressionados ao saber que ela jogava. Laís nos contou que sempre gostava de ver rodas de capoeira, então resolveu entrar em um grupo e começar a praticar. Nessa oportunidade, chamamos rapidamente o Jeferson e realizamos uma roda, com eles explicando como se entrava, a ideia de ação e resposta dos movimentos. A Laís trouxe que a capoeira

surge como resistência a opressão que os negros escravizados sofriam (Vídeo da Lais e Jeferson na roda de capoeira).

Com intuito de conversar sobre essa questão, apresentei vídeos². A ideia era assistir e analisar as informações, termos que apareciam e alguns que precisam ser revistos. Logo no início, o vídeo coloca que o Brasil foi descoberto pelos portugueses, rapidamente foi identificado e criticado pelos estudantes. Destacamos também o termo escravos e escravizados. Ao comentar sobre os quilombos, os estudantes relacionaram as discussões com a música do maracatu que estavam aprendendo e ensaiando com a professora da sala de leitura Eodete e a professora de Artes Chris³. Começaram a cantar⁴.

Nego sofreu na senzala
Nego apanhou
Nego fugiu foi pro mato e quilombo formou
(Trecho Banzo Maracatu de Dimas Sedícias)

Conversamos sobre algumas formas de resistência do povo negro, como as rebeliões, organização de revoltas como também a transmissão dos seus conhecimentos por meio das músicas, danças, lutas.

A musicalidade é forte nessas turmas. Na aula seguinte, junto com os estudantes pesquisamos os instrumentos que fazem parte das rodas de capoeira, tentamos identificar o som de cada um. Em determinado momento convidei a professora Chris para nos auxiliar. Ela trouxe alguns instrumentos que temos na escola para os estudantes manusearem. Contudo, vale destacar que apesar de termos o berimbau, não sabíamos tocar⁵.

Enquanto isso, tentamos buscar grupos próximos à escola que pudessem também nos auxiliar. Contudo, não encontramos.

A professora Juliana⁶ estava abordando o samba de roda com os primeiros anos. Consegui o contato da “Casa Mestre Ananias”⁷, um ponto

² Presentes no canal do youtube Gingado Capoeira.

³ Em parceira, as docentes iniciaram um trabalho organizando um coral com os estudantes com músicas afro-brasileiras.

⁴ Banzo Maracatu – Dimas Sedícias

⁵ Por isso, as aulas e rodas que fazíamos utilizam uma caixa de som.

⁶ Professora regente do quarto ano B e de Territórios do Saber dos primeiros anos. As aulas dos “Territórios do Saber” fazem parte do Programa São Paulo Integral da Prefeitura Municipal de São Paulo.

⁷ A Casa Mestre Ananias é um espaço de vivência e transmissão oral dos saberes populares. Tem como base as tradições afro-brasileiras, com foco nas expressões da cultura baiana desenvolvidas na capital paulistana.

cultural que desenvolve trabalhos tanto com a capoeira, como o samba de roda, no bairro do Bixiga. Ao saber dos nossos estudos, conseguiu marcar uma visita com os primeiros e quartos anos.



No dia da visita, pedi para o mestre Rodrigo Minhoca falar um pouco sobre o berimbau. Tocou e o canto muito ensinou. Ensinou o que são ladainhas. Cantou sobre o passado, presente e futuro. Falou sobre aspectos históricos, falou sobre o mestre Ananias e a resistência do povo negro. Alguns integrantes realizaram demonstrações de golpes e habilidades desenvolvidas com a capoeira. Posteriormente, apresentaram um samba de roda e convidaram os estudantes para participar. Fizeram paçoca no pilão, entoadado por um canto. O aroma envolveu a sala. Comemos com canjica. A atividade foi muito significativa para professores e estudantes. O estudante Sérgio⁸, durante a apresentação de capoeira, ficou extasiado, se emocionou e começou a chorar.

[Paçoca no Pilão - na Casa Mestre Ananias](#)

É importante destacar que após a saída pedagógica a professora Simone⁹, mostrou vídeos sobre a Casa do Mestre Ananias, trouxe mais informações e mostrou os integrantes da casa jogando capoeira.

Na aula seguinte conversamos sobre a saída pedagógica, os pontos que o mestre destacou, aquilo que marcou. À medida que relembavam, registrei na lousa (golpes novos, paçoca, canjica, participamos da roda, vimos

⁸ Nome fictício.

⁹ Professora do 4º ano A.

capoeiristas jogando, vimos as roupas, berimbau). Um aspecto levantado foi sobre a capoeira regional e capoeira de Angola. Nesse momento, uma estudante vinda de Angola falou:

- Prô, eu adorei. Gostei de saber que a capoeira vem de Angola também.

Aproveitamos e buscamos conjuntamente vídeos mostrando jogos da capoeira regional e da capoeira de Angola. Relembramos algumas hipóteses de sua sistematização. Procuramos identificar semelhanças e diferenças. Pedi para os estudantes registrarem seus conhecimentos por meio de desenhos e/ou escrita sobre a experiência e sobre o que vimos estudando.

Nesse meio tempo, consegui entrar em contato com uma estudante da EJA, chamada Patrícia, que também jogava capoeira. Patrícia é uma estudante transexual, conhecedora de várias lutas. Prontamente, aceitou o convite. Conteí para os estudantes sobre a visita que estávamos organizando e junto a eles levantamos questões para realizar uma entrevista. Aproveitei a oportunidade e apresentei trechos de vídeos com diferentes sujeitos praticando capoeira¹⁰, realizamos novas leituras e conversamos sobre os diferentes corpos e sujeitos praticantes. Conversamos sobre transexualidade. A professora Simone também se colocou à disposição para sanar dúvidas que surgissem até o dia do encontro.



¹⁰ No início do trabalho passei vídeos com diferentes sujeitos praticando a capoeira, mas na ocasião não tinha trazido transexuais praticando.

No dia do encontro os estudantes entrevistaram a Patrícia. Vinda do Rio de Janeiro ela compartilhou sua experiência. Contou que na comunidade onde morava havia um grupo próximo de sua casa e a partir desse grupo se interessou. Disse que não pratica mais, mas a capoeira que tem mais afinidade é a de Angola. Falou sobre as diferenças entre a Angola e Regional. Demonstrou alguns golpes e ensinou os estudantes. Foi um encontro muito alegre e de valorização dos conhecimentos ali compartilhados. Patrícia estava radiante com a participação e os estudantes empolgados. Pediram que ela retornasse para ensinar novos golpes. Vale destacar que em determinado momento a Patrícia comentou que a capoeira não é luta e sim uma forma de preparar o corpo, mas não para machucar. Nesse momento, percebi que os estudantes se impressionaram com a informação, que era diferente daquelas que tinham acessado, mas não confrontaram.

Após, o encontro um grupo de estudantes veio me procurar questionando a informação. Perguntei qual fazia mais sentido para eles, depois de tudo que havíamos acessado. Disseram que a que o mestre havia dito. De qualquer maneira expliquei que não invalida os conhecimentos que a Patrícia trouxe. Concordaram e disseram que gostaram bastante do encontro, principalmente porque ela girou eles de ponta cabeça¹¹.

Por fim, encerramos o semestre letivo com experimentações, criações, diálogos e novos conhecimentos proporcionados pelo encontro com os sujeitos praticantes de capoeira da comunidade do Espaço de Bitita. Fico com a lembrança de uma das falas do Elton¹² e que me marcou, “capoeira é alegria, vem de dentro”.

¹¹ Referente ao movimento gato.

¹² Nome fictício.